

# CORPO e MATÉRIA

Uma reflexão sobre a Mostra Temática de 2003  
no Ciclo de Ações Performáticas do CEM – Centro  
de Estudos do Movimento – Casa Hoffmann

OLGA NENEVĚ

RELÂCHE – REVISTA ELETRÔNICA DA CASA HOFFMANN | 2004

## CORPO E MATÉRIA

Uma reflexão sobre a Mostra Temática de 2003  
no Ciclo de Ações Performáticas do CEM – Centro  
de Estudos do Movimento – Casa Hoffmann

Olga Nenevê

A idéia da Mostra Temática surgiu de uma pesquisa realizada pelo ator Eduardo Giacomini e por mim, sobre os processos de criação dos artistas, os estímulos desencadeadores de novas idéias e o corpo como suporte de realização dessas idéias. A curiosidade de percorrer os caminhos dos criadores a partir de um ponto comum, o tema, atraiu-nos. Imaginávamos que o resultado desse estímulo apresentaria tantas variantes quantos fossem os artistas. E foi surpreendente! A Mostra Temática 2003 teve duas edições. Seis artistas apresentaram trabalhos sobre o tema Corpo e Matéria, preparados especialmente para o evento: Nara Heemann (*performer*); Rosemeri Rocha (bailarina e coreógrafa); Luiz Rogério Lucena (ator); Sávio de Luna (bailarino); Cíntia Nápoli (bailarina) e Tânia Bloomfield (artista plástica).

As performances apresentadas moveram e ampliaram a pesquisa de outros artistas que assistiram às apresentações e participaram das conversas sobre as mesmas performances e trajetórias de seus criadores; bem como, despertaram emoções no público espontâneo. Segundo DAMÁSIO, em seu livro *O Mistério da Consciência*, “as emoções são parte dos mecanismos biorreguladores com os quais nascemos equipados, visando à sobrevivência” (2000, p. 77). Nesse sentido, o processo criativo reelabora uma forma saudável de vida. Assim, ao discutir o tema com a artista plástica, Tânia Bloomfield, numa das varandas da Casa Hoffmann, concluímos que nascemos e somos convidados a assumir nosso corpo, com o esforço da respiração, no contato com os outros corpos, com o grito. Entramos na vida com o que nos identifica na morte, ou seja, nosso código de vida, o DNA, as informações misteriosas de cada um. Assim, “somos um arquivo vivo de nós mesmos”. Encantada, Bloomfield, que apresentou o trabalho, concluiu: “Só é seu aquilo que você dá”, porque reflete conceitos de posse e propriedade, frente a um corpo humano que é efêmero.

Segundo Nanako Kurihara, em oficina ministrada em agosto de 2003, no CEM, Hijikata já filosofava essa idéia

por meio da frase: “o corpo é a coisa mais remota do universo”. Dizia isso, porque acreditava na inteligência corporal. E sofria, enquanto percebia o efeito cultural de uma sociedade automatizada para a compreensão do corpo, para a vida das pessoas de sua sociedade. Assim, Bloomfield também pensa o corpo do homem de hoje, matéria efêmera no espaço e no tempo. Já que a média de vida do homem é de aproximadamente 70 anos, essa é matéria de difícil manipulação, porque é Natureza; é, também, misteriosa. No entanto, esse mesmo corpo, que existe como algo que é e contém informações complexas por natureza, desde há muito tempo, está sendo ‘automaticamente’ manipulado, como uma máquina que cumpre a tarefa de possuir coisas. Essa relação ‘torta’ na forma de experimentar a vida, de tratar o corpo, conteúdo e contêiner de vida, é uma temática antiga; já pensada por Hijikata e revisitada com muita sensibilidade por Bloomfield.

Sobre a mesma relação, Nara Heemann, apresentou a performance *Adubo* e iniciou a Mostra Temática em que reflete o processo de envelhecimento feminino. Seu trabalho refere-se a um doce de abóbora, cozido por sua avó. A avó também adubara a terra do quintal, plantara a abóbora que virara doce. Depois de um tempo, na casa da artista, o doce criou fungos. Heemann absorveu esse processo no seu trabalho, transferiu para ele a profundidade e a sutileza do corpo, da matéria que degenera. O que o corpo da artista revelava, por meio de pequenos movimentos da coluna, e o que o corpo da abóbora, com fungos, mostrava, deixou para a platéia, a idéia de que temos, em nós, o movimento contínuo, desde antes da concepção até depois da morte. Está escrito no corpo. A platéia lembrou-se do ‘corpo morto’ do Butô, que desenvolve uma linguagem muito próxima das leis do Universo. Assim, fez-se um paralelo do corpo vivo da *performer*, que dançava, e do corpo morto da abóbora que continuava dançando, como um cadáver humano, que em decomposição—como a abóbora estava—sem controle cerebral, continuava executando movimentos como o crescimento do cabelo e das unhas e, mesmo a própria transformação da matéria.<sup>1</sup> “O corpo morto é um corpo que trabalha em um universo de leis particulares. Ele não as despreza, já as conhece. Trabalha com processos invisíveis, emprestados de outros universos de criação, como aqueles

<sup>[1]</sup> As informações dessa conclusão foram obtidas na reflexão conjunta entre os artistas e o público que participou do diálogo sobre os trabalhos, logo após as apresentações.

que coexistem em nosso corpo, mas não aparecem com clareza” (GREINER, 1998 p.89).

Rosemeri Rocha, com seu trabalho *Foz*, também trata dessa matéria dispersa, diluída em peles, metaforicamente ligada ao rio, aos líquidos. Ao falar da intimidade, Rocha e Cíntia Nápoli acabam por produzir trabalhos muito irmãos, pois Nápoli, com sua performance *Corpo Recipiente*, também chega à profundidade por meio da superfície, do líquido. Refletindo os trabalhos de Heemann, Rocha e Nápoli, percebo que o Tempo dialoga com o tema Corpo e Matéria e com a ambigüidade do corpo que passa, uma vez que tem vida com começo, meio e fim, é eterno, pois na morte não acaba. Transforma-se. Talvez seja a melhor imagem para falar do corpo e da matéria. O Tempo está para o Corpo e a Matéria, da mesma maneira que o alimento está para todo o processo vital.

Assim, a busca de dialogar com a dinâmica da mente, do miolo, do corpo, do ser que cria e mostra um trabalho é a busca de muitos criadores. Mas, como tocar ou entender esse acontecimento, que atravessa um lugar que não se sabe onde é? Esse lugar está engendrado na carne e no espírito. Não tem um ponto fixo. Está disperso em peles, músculos, ossos, sistemas, neurônios, emoções, memórias ancestrais e próximas somadas à ficções, que estão no próprio corpo. Não existe uma resposta. É possível despertar consciências para alguns sinais desse misterioso mapa, pois vivemos uma investigação artística que muito se identifica com a pesquisa e com os avanços científicos. Possui a inquietação, a incerteza, e também, a necessidade de seguir. Então, nesse processo de estar fazendo acontecer coisas inesperadas, que se vão revelando, por meio de experiências físicas, de observações, de apreensões, que surgem em formas temporais, emanam e desaparecem, é que os principais momentos da vivência dos processos de criação dos artistas tornam-se a formulação de uma linguagem.

Esses momentos sugerem uma confluência de assuntos, apontam para os rumos artísticos do nosso tempo e de cada um. Sávio de Luna parece suspeitar disso, pois sua apresentação *Fluidance with low base* traz o movimento que vai para o céu e se agarra à terra; traz a leveza e a beleza do corpo vivo, vigoroso, dançante.

Aos poucos, o artista vai entendendo quem é, e vai criando uma identidade. Essa identidade busca emancipação na comunicação dos movimentos de dentro e de fora, do e para o indivíduo. É na conexão do indivíduo com suas

motivações, com seu cotidiano, que o próprio percurso torna-se complexo e evolui. Quando se depara com esses delineamentos, percebe que a trajetória de um trabalho artístico é muito importante! Essa trajetória mostra a equivalência de todos os aspectos envolvidos numa criação e coloca a ‘presença’ do artista como algo muito concreto a ser lido em cena. A presença é o artista habitando o seu corpo; visível, vivo, com idéias expostas, informações particulares e sociais, culturais, ali, concretas, mas flexíveis, no corpo. Também o ator, Luiz Rogério Lucena, trouxe sua trajetória para cena, como artista versátil, no dia-a-dia, nas relações com momentos de humor, com investidas e recuos.

Do mesmo modo que o recém-nascido chega surpreso ao mundo externo, o artista trabalha no sentido de informar-se e surpreender-se com a vida. O artista, disposto a laborar com informações, com matéria, transforma algo original, pessoal, em algo que comunica a muitas pessoas, sem, no entanto, abandonar a fonte, o manancial, o eu e suas vozes. Deixa claro, para a audiência, que carrega sua história em seu corpo. A linguagem se realiza nas relações da história desse corpo com sua fisicalidade, com os objetos, com outros corpos, com o espaço em que vive. Consequente da organização das informações, surge a linguagem de um corpo que se expressa.

E o artista contemporâneo, o filho mais novo da história, das grandes descobertas, das camadas de informações, do tempo da neurociência e das manobras da genética, é o tentáculo mais urgente e mais agonizado de hoje. Não pode alienar-se de tudo o que já foi realizado; nem do seu cotidiano, nem das possibilidades ou das precariedades desse tempo. E, se a comunicação é precária, é por meio do conceito de flexibilidade que pode avançar no diálogo; porque pode desenvolver a percepção de um novo olhar, maleável às complexas relações, mais simples e disposto ao diálogo. O artista, também moldado a padrões, comportamentos, conduta e educação, pode manusear sua inquietação, quando reflete a realidade por meio do hibridismo, do transporte do fluxo de informações contidas e dispersas em seu corpo. À medida que o artista vai desenvolvendo conceitos, o corpo avança os limites dos contornos da pele. Percebe que é mais que matéria com determinadas dimensões: dentro, fora; cérebro, corpo, passado, presente... Evolui e carrega as primeiras informações, as primeiras matérias, as matérias de todo o universo, dos outros. E, por mais incrível que possa parecer, é com as informações mais individuais de cada um, o DNA, que a ciência aproxima o homem dos outros

animais. O artista, um animal domesticado, mas atento, conecta-se a outras áreas do conhecimento, para falar de si, para expressar sua agonia maior, para mugir ou gritar, para buscar uma resposta, uma pista, para decifrar quem é e de que matéria misteriosa é formado. ♦

## REFERÊNCIAS

**DAMÁSIO, A.**, *O Mistério da Consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*, São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

**GREINER, C.**, *Butô – pensamento em evolução*, São Paulo: Escrituras, 1998.

---

Olga Nenevê nasceu em Curitiba, é atriz formada pela PUC-PR e Pós-Graduada em Teatro pela FAP. É arte-educadora formada pela UFPR. Integra a Obragem Teatro e Cia., onde pesquisa a ancestralidade próxima e distante no processo de criação autoral.



(sem nome), Lucianne Figueiredo  
Da Casa | Ciclo de Ações Performáticas 2003  
Fotografia de Fernando Augusto

# Relâche

Relâche – Revista Eletrônica da Casa Hoffmann  
Curitiba/Brasil, 2004.

## Conselho Editorial

Andrea Lerner  
Beto Lanza  
Cristiane Bouger  
Edson Bueno  
Rosane Chamecki

## Entrevistas (por e-mail)

Cristiane Bouger

## Revisão das Entrevistas

Rosane Chamecki  
Andrea Lerner  
Beto Lanza

## Colaboradoras

Cristiane Bouger  
Dayana Zdebsky de Cordova  
Gladis Tripadalli  
Michelle Moura  
Olga Nenevê

## Tradução das Entrevistas em Inglês e em Português

Rita Rodrigues do Rosário  
Lilian Esteigleder Cabral

## Revisão em Português

Lydia Rocca

## Revisão em Inglês

Margarida Gandara Rauen

## Criação da Logo Relâche

Sebastian Bremer

A revista eletrônica Relâche recebeu fundos da Fundação Cultural de Curitiba – FCC e da Prefeitura Municipal de Curitiba.